OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO IX - EDIÇÃO 237
R$ 2 - DE 20 A 26/10/2005

ESTÁ SURGINDO UMA NOVA DIREÇÃO

Conlutas marca o Congresso Nacional dos Trabalhadores (CONAT) para abril de 2006

PÁGINAS 6 E 7

JOHN LENNON: 65 ANOS DE UM DOS MAIORES MITOS DA MÚSICA MUNDIAL

PÁGINA 10

GOVERNO BUSH SE PREPARA PARA MONTAR BASE MILITAR NO PARAGUAI

PÁGINA 11

10 MOTIVOS PARA OS TRABALHADORES VOTAREM NÃO NO REFERENDO

PÁGINA 12

■ **A GRANA QUE SE VAI** *O governo vai pagar cerca de R$ 153,7 bilhões de juros só neste ano. Até agora foram pagos aos agiotas R$ 105 bilhões.*

■ **FARSA** *Pela quarta vez as eleições do Haiti foram adiadas, devido ao baixo índice de inscrição. Isso complica ainda mais a situação da ocupação colonial dirigida pelo Brasil.*

EXECUÇÃO SUMÁRIA

Na semana passada, foi apresentado o relatório "Pena de Morte Ilegal e Extra-judicial". Apesar de divulgar números apenas de São Paulo, os dados não divergem muito do que acontece em todo o país. De 1995 a 2001, foram 256 casos de homicídios cometidos por policiais civis, 1.310 casos de autoria de policiais militares e 46 casos envolvendo ambas as polícias. De 2002 até o 1º semestre de 2005, foram registrados 121 casos de homicídios praticados por policiais civis, 1.457 por PMs e 13 casos envolvendo policiais civis e militares. Ou seja, entre 2002 e 2005 morreram vítimas da ação policial praticamente o mesmo número de pessoas que foram mortas pela polícia entre 1995 e 2001.

FARRA DAS EMPREITEIRAS

O projeto de transposição do rio São Francisco ainda nem saiu do papel e já revelou graves irregularidades. Uma auditoria realizada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) no edital elaborado pelo governo federal para contratar as empreiteiras detectou um sobrepreço de R$ 406 milhões. Essa cifra representa quase 7% do valor total do empreendimento, orçado em R$ 6,4 bilhões. Parece que começou cedo a arrecadação para o caixa dois do PT.

PÉROLA

"[As denúncias] serão esclarecidas, esquecidas e acabarão virando piada de salão"

DELÚBIO SOARES, *ex-tesoureiro do PT comentando o futuro da crise política durante sua festa de aniversário. (portal do Estadão 17/10/05)*

CHARGE / *GILMAR*

SEM INIBIÇÃO

A crise do mensalão não inibiu o uso pela maioria dos deputados investigados da verba indenizatória de R$ 15 mil mensais a que têm direito. Professor Luizinho, por exemplo, que aparece na lista de Valério, quase dobrou os gastos depois da crise: de R$ 7,4 mil em abril, foram para R$ 13,2 mil em maio. As verbas indenizatórias servem para ressarcir os parlamentares por despesas com aluguel, manutenção de escritórios, locação de carros, entre outras.

Há suspeitas, nunca investigadas, de que o uso de notas fiscais frias seja prática generalizada. A Câmara gasta R$ 92 milhões por ano com essas verbas que não estão incluídas na verba de gabinete (R$ 45 mil mensais) dos deputados.

FELIZ DA VIDA

Na Fazenda Catonha, em Buriti Alegre (GO), Delúbio Soares comemorou seu aniversário de 50 anos. Bem diferente dos aniversários anteriores, quando jatinhos com políticos e empresários aportaram na fazenda, dessa vez a festa foi restrita a familiares e amigos. Delúbio não escondeu sua felicidade com a vitória de Ricardo Berzoini no PT. "Eu pedi votos para ele. Foi bom para o partido", disse.

PROVOCAÇÃO

No dia 11 de outubro, dois oficiais norte-americanos que estavam disfarçados de árabes foram descobertos e detidos por iraquianos quando estavam preparando um carro bomba em Bagdá. A bomba estava sendo preparada em uma zona residencial do bairro de Al-Ghazaliya. Logo depois que foram descobertos, um forte contingente de soldados dos EUA surgiu e cercou a região. É o segundo caso onde soldados das forças de ocupação são flagrados disfarçados de árabes e com explosivos. Dias atrás soldados britânicos foram flagrados numa situação muito semelhante. Fica cada vez mais evidente que as forças de ocupação no Iraque estão envolvidas em atos de provocação que visam fomentar a divisão entre a população xiita e sunita do país.

PSTU LANÇA CARTILHA DE APRESENTAÇÃO

A maioria dos trabalhadores e da juventude assiste perplexa às denúncias de corrupção. As esperanças de toda uma geração no PT e em Lula vieram abaixo. Agora, é o momento de tirar conclusões e respostas para muitas perguntas. Ainda é possível insistir em um projeto de reformas? Como combater as direções traidoras do movimento? Qual o tipo de partido a se construir? Qual a estratégia para se chegar à revolução? A cartilha que o **PSTU** *acaba de lançar apresenta as posições políticas do* **PSTU** *sobre sua estratégia e, principalmente, mostra como funciona o partido, seu programa e funcionamento. Peça a sua com os nossos militantes e venha construir um partido revolucionário em nosso país.*

LEIA ESTA SEMANA NO SITE

<NACIONAL>
Legista do caso Celso Daniel é encontrado morto
Irmão de Lula favorece negociações de empresários com órgãos do governo

<MOVIMENTO>
Trabalhadores da Volks aprovam continuidade da greve

<JUVENTUDE>
Grêmios realizam primeira passeata da Conlute em Duque de Caxias (RJ)

<INTERNACIONAL>
Eleições no Haiti são adiadas novamente
Um outro olhar sobre a Venezuela

<ARTIGOS>
'As Velhas Novidades Anarquistas', de Maycon Bezerra de Almeida

<DOWNLOAD>
Baixe o manifesto 'Venha Construir um partido revolucionário'

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO E CAPA** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval
(96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823,
Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36,
Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C, Quadra
C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700,
Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 -
Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre
Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul -
CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506.
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro,
nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4
(Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165,
Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 -
Centro (31) 3201-0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO - Av. Olinto Meireles, 2196
sala 5, Pça. Via do Minério
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 -
Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 -
(34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna,
147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320,
s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto,
391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar,
Boa Vista (81) 3222-2549
recife@pstu.org.br

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino
Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras,
66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62
- Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos,
45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411
sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSÁ - Rua Dr Abelardo de
Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto,
362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA
Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301
Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho,
70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16
Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243
(51) 3286-3607 / 3024-3486 /
3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira
Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com
Manoel Elias) - (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 241-7718
CAXIAS DO SUL - (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - Av. Dorival Cândido
Luz de Oliveira, 6330 - Parada 63 - (ao
lado do Snek Beer)
PASSO FUNDO - (54) 9982-0004
PELOTAS - (53) 9126-7673
pelotas@pstu.org.br
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 8116-2932,
santamaria@pstu.org.br
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da
Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos,
104, Centro (48) 225-6831
floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248
- São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183
V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim
Pedroso de Melo, 18 (próximo
à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João
Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 -
Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786
(19) 3235-2867 *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes
Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia
(12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington
Luiz, 43, Centro
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2
Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica
(11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro
(12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Côrreia, 191
- Bairro Shangai - (11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo -
Vila Tibério (16)637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279
sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO -
R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189
(12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 -
Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de
Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos,
142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco
José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

UM MOMENTO HISTÓRICO

Algumas vezes os atores de um momento histórico não têm a dimensão do que estão fazendo. Pode ser que isso se dê neste momento, em que a Conlutas convoca um Congresso Nacional dos Trabalhadores, com o objetivo de formar uma alternativa à CUT.

Os que estiveram no antigo estúdio Vera Cruz (um galpão antes utilizado pelo cinema nacional), em São Bernardo do Campo (SP) em 1983, para a fundação da CUT, sabiam que algo novo e importante estava sendo feito. Mas não tinham idéia da dimensão.

Os que viveram aquele momento sentirão que o tempo passou. Ainda será possível para os mais antigos, lembrar da agitação daqueles dias, dos 5.054 delegados chegando, a improvisação para abrigar os que vieram de longe.

Que diferença entre aqueles delegados, operários e camponeses, metalúrgicos e bancários, gente simples e aguerrida, e a CUT de hoje. Talvez se possa tomar como imagem símbolo da CUT atualmente, um Luís Marinho, presidente da central até há poucos meses, hoje ministro do Trabalho. Marinho era metalúrgico da Volks, hoje usa ternos alinhados. No momento em que escrevemos, esta fábrica entra em sua terceira semana de uma greve duríssima, e Marinho não pisou na empresa.

A CUT foi fundada com um programa contra o pagamento da dívida externa. O governo de Lula e Marinho já pagou R$ 105 bilhões de juros da dívida de janeiro até agora. A CUT acaba de ajudar os banqueiros a fazer os bancários aceitarem um reajuste de 6%, depois de aumentarem seus lucros, só neste ano, em 52%.

Na verdade, o governo do qual Marinho é ministro, a CUT que ele presidiu, não têm nada a ver com o passado. Estão, na verdade, do outro lado, o dos patrões, fazendo a mesma coisa que os pelegos do passado faziam.

O congresso convocado pela Conlutas tem um sentido histórico: o fim do ciclo da reorganização do PT/CUT. Essas organizações, que foram a representação de toda uma geração de lutadores, de uma gigantesca onda de greves, foram também a expressão da maior decepção da história do movimento operário brasileiro. Poucas classes operárias no mundo viveram um sonho tão popular, com a eleição de sua maior liderança para o governo. Poucas tiveram decepção tão profunda com o desabamento de suas esperanças, com um governo neoliberal e corrupto.

Lula vai seguir, assim como o PT e a CUT. Mas não serão nunca mais os mesmos. Não carregarão consigo a bandeira dos que lutam e sonham. Carregarão seguramente outras, as dos oportunistas de sempre, dos carreiristas e representantes da patronal.

O PSDB e o PFL gostariam de passar para o povo a idéia de que a esquerda é o PT e a CUT, que o fracasso petista é o fracasso da esquerda. Gostariam de repetir no Brasil, o que o imperialismo apregoou em todo o mundo, a partir do desabamento das ditaduras stalinistas do leste: que o socialismo é igual ao stalinismo, que o socialismo morreu. Poderiam assim capitalizar o desgaste do PT, que no fundo se dá pelos mesmos motivos pelos quais FHC foi varrido em 2002: o mesmo plano econômico, a mesma corrupção.

Mas, as faixas e bandeiras vermelhas, no entanto, não desapareceram. Continuam presentes nas falas da oposição bancária, nas assembléias de greve contra os amigos dos banqueiros e de Marinho. Nas greves em que a direção da CUT é vaiada. Nas passeatas da Conlutas. Em cada um dos sindicatos que se desfilia da CUT e vota a adesão à Conlutas.

Quando em abril, o congresso convocado pela Conlutas se reunir, poderemos estar participando de um fato histórico, semelhante ao que vivemos há mais de vinte anos. Poderemos estar começando um novo ciclo de reorganização do movimento operário no país.

Alguns dos velhos camaradas, já com cabelos brancos, que estiveram na fundação da CUT, estarão também na formação da nova organização. As novas gerações de lutadores já surgem – e surgirão cada vez mais – sem o peso dessa experiência, mas também sem o fardo das derrotas passadas. Nas novas lutas, nas novas gerações de ativistas estará colocada cada vez mais a tarefa da construção do novo.

*O **Opinião Socialista** tem orgulho de publicar em suas páginas centrais, neste e nos próximos números, a discussão desse projeto. O **PSTU** apóia a Conlutas desde seu início, junto com ativistas independentes e de outras organizações. Chegou a hora de construir uma nova direção.*

OPINIÃO / GUSTAVO SIXEL*

Gildo, Jair e a polícia que mata

PARA GARANTIR O patrimônio e os lucros dos patrões, policiais reprimem os movimentos sociais violentamente. Até a morte, se preciso

No dia 30 de setembro, cerca de duas mil pessoas protestaram contra o desemprego em Sapiranga (RS). No fim do protesto, às margens de uma rodovia, policiais militares cercaram e agrediram o sapateiro Jair Antônio da Costa, de 31 anos. Eles o haviam perseguido por toda a passeata e o espancaram até que caísse inconsciente. Jair morreu asfixiado.

Cinco anos antes, policiais de Brasília assassinaram outro sindicalista, Gildo da Silva Rocha, militante do PSTU. Gildo tinha 33 anos, era casado, tinha uma filha e participava de um piquete com outros servidores públicos de Brasília, em 6 de outubro de 2000. Policiais do ainda hoje governador Joaquim Roriz perseguiram o grupo e acertaram Gildo pelas costas, que caiu sem vida.

A morte de Gildo foi lembrada neste dia 6, durante o ato da Conlutas em Brasília. Em frente ao Ministério da Justiça, cerca de 100 pessoas fizeram um minuto de silêncio e cantaram "Roriz, governador, assassino de trabalhador". *No protesto estavam a esposa de Gildo, sua filha, amigos e companheiros de luta, do partido e da categoria. Camisas com sua foto exigiam punição dos culpados, que seguem impunes devido à paralisia da Justiça e ao descaso dos governantes. Na faixa do PSTU de Brasília, a mensagem* "Seu assassinato não será esquecido".

Gildo, Jair. Os nomes e as cidades podem ser diferentes, mas escondem uma mesma história. Suas mortes não foram ações isoladas, cometidas por policiais despreparados. Revelam a orientação e a real função das forças policiais e militares, que, para garantir o patrimônio e os lucros dos patrões, reprimem os movimentos sociais violentamente, até a morte, se preciso.

Depois de matar, inventam calúnias e buscam justificativas. A mais comum é a da resistência à prisão, quase uma rotina para justificar o assassinato de jovens negros nas periferias das grandes cidades. Quando esta soa muito absurda, criam-se novas. Contra Jair, os cinco policiais que o cercaram disseram que ele 'tentou roubar a chave de uma moto. Seus amigos, que estavam ao seu lado no momento da agressão, negam. Também caluniaram Gildo. Disseram que ele estava drogado e com uma 'arma branca'. A autópsia não encontrou sinais de uso de drogas e a arma nunca foi apresentada.

A morte dos dois é também um alerta para os que acreditam que vivemos em uma democracia, que não é preciso preocupar-se com esse tipo de coisa. Mas essa é a democracia do ricos, uma ditadura dos patrões. Nela, estudantes que protestam no Congresso Nacional são levados para uma 'salinha' e ameaçados de tortura e trabalhadores rodoviários do Amapá recebem avisos de que suas vidas valem menos do que a de um cachorro'. E é essa mesma democracia dos ricos que agora vende uma farsa, prometendo que o Sim no referendo de domingo irá diminuir a violência. Só que sua polícia, inimiga de quem luta, não será desarmada.

***da redação**

AS ILUSÕES NO REGIME DEMOCRÁTICO-BURGUÊS

JOÃO RICARDO SOARES, da Secretaria Nacional de Formação do **PSTU**

O movimento operário brasileiro vive um importante momento de reflexão política que pode ser sintetizado na necessidade de superação política do PT e da CUT e UNE, transformadas em correias de transmissão da política do Estado burguês e do imperialismo.

Vivemos uma reorganização que está apenas começando, mas já apresenta seus resultados com o surgimento de novos partidos, organizações sindicais e fóruns de debate. A busca de novas alternativas define esse momento particularmente rico do movimento operário brasileiro.

Como antes, será a estratégia que guiará a tática. Caso a nova vanguarda das lutas e as organizações criadas por elas não identifiquem a base material que levou à degeneração de suas "velhas organizações", esse processo nas "novas" alternativas será mais acelerado do que ocorreu com PT e a CUT.

Neste artigo abordaremos um aspecto dessa discussão, a estratégia frente à democracia burguesa e as confusões na esquerda sobre o tema.

ESTADO E REGIME

Para o marxismo, as Forças Armadas são a principal instituição do Estado. É a garantia da defesa da propriedade privada, seja no cotidiano das lutas parciais, ou em situações revolucionárias que questionam a dominação burguesa e o seu controle sobre a consciência das massas.

Não há dúvida de que quando as ações do proletariado superam os limites impostos pela democracia burguesa, ameaçando a propriedade privada, a burguesia impõe o regime de terror contra as massas.

O fato de que o Estado tem como instituição fundamental as Forças Armadas não significa que a condução dos negócios cotidianos da burguesia se apóie sempre nessa instituição. O Estado é um conjunto de instituições, mas a classe que está no poder não as utiliza sempre da mesma forma para governar. *"O regime político é a combinação ou articulação especifica das instituições estatais, utilizadas pela classe dominante, ou por um setor dela, para governar"* (Nahuel Moreno, *As Revoluções do século XX*, Ed. José Luís e Rosa Sundermann). Para definir um regime político, devemos responder às seguintes perguntas: qual é a instituição fundamental do governo? Como ela se articula com as demais instituições estatais? A partir desse critério proposto por Moreno, definimos qual o regime vigente.

O Estado burguês desenvolveu vários tipos de regimes: a monarquia absoluta e as monarquias parlamentares, as repúblicas, as ditaduras (militares, onde o exército é a instituição chave, ou as fascistas, originadas pelos bandos armados). Por fim, as democracias burguesas, onde o parlamento é a principal instituição.

Em geral, há confusão entre o que são as liberdades democráticas e o que é o regime democrático-burguês e seus instrumentos de dominação e manutenção da propriedade.

Essa "confusão" leva a enaltecer a democracia burguesia e a não vê-la como um dos principais instrumentos da burguesia para deter processos revolucionários.

Ao não distinguir esses dois elementos, os partidos que se reivindicam marxistas passam a adotar estratégias opostas em relação ao Estado e ao regime democrático-burguês.

DEMOCRACIA E LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

Trotsky diz que *"para os operários, a redução da jornada de trabalho é a pedra fundamental da democracia, porque é a única forma possível de ter participação real na vida social do país"*. (Escritos, T.II,Vol.1, p.43).

Quando os trabalhadores conquistam o direito de organizar sindicatos e partidos, ou seja, o direito a se organizarem como classe, podemos afirmar que esse fato se constitui em uma conquista democrática, uma ampliação das liberdades dentro da sociedade.

Mas esse fato não pode nos confundir com a democracia burguesa como regime. Essa é uma das formas que tem a burguesia de exercer sua ditadura ante toda a sociedade. Suas regras de alternância no governo pelas eleições periódicas, a ilusão da separação dos poderes do Estado, é tão somente uma forma de permitir a alternância entre os distintos setores da burguesia no controle do Estado.

'JANELAS', DE CARLA AMARAL

A democracia burguesa é o melhor regime para a burguesia, na medida em que permite que os distintos setores burgueses se alternem no controle do Estado sem apelar para a guerra civil.

Enquanto existirem as classes sociais, a democracia sempre será interna à classe que controla a sociedade. Qualquer regime, independente do grau de liberdade que ofereça às outras classes da sociedade, será sempre uma ditadura sobre a classe oprimida.

Qualquer analista burguês, quando se refere ao grau de liberdade de um país, sempre se refere às liberdades individuais. Mas os indivíduos se relacionam na sociedade através da classe a que pertencem. Um burguês pode desfrutar da liberdade de ir e vir, pois pode comprar a qualquer momento um avião, pode se candidatar a deputado, pois tem como financiar a campanha, enfim, a posse da propriedade privada lhe oferece ampla liberdade.

Os operários, em contrapartida, caminham até o trabalho, se o salário não dá para pagar a passagem e alimentar a família, não podem ser candidatos a deputado, a não ser que um burguês financie a campanha. Por isso, somente ampliando sua organização como classe é que os oprimidos podem desfrutar de alguma liberdade na democracia burguesa.

Portanto, democracia e liberdade são dois conceitos que se relacionam, mas não significam a mesma coisa. As liberdades democráticas que os trabalhadores arrancaram da burguesia não podem se confundir com os instrumentos do regime democrático-burguês, cujo objetivo é manter a ditadura da burguesia.

É exatamente esse detalhe que faz uma profunda diferença na hora em que os partidos e organizações definem sua política. O partido revolucionário se apóia nas liberdades democráticas e defende sua ampliação. No Brasil, não somente defendemos a existência dos sindicatos, mas o direito democrático da organização por local de trabalho, negado pela burguesia.

A luta dos sem-terra, por exemplo, é uma luta democrática pelo acesso à propriedade da terra que o capital nega à maioria da população rural.

Essa defesa, entretanto, jamais se confunde com a defesa das instituições do regime democrático-burguês. A principal ideologia da democracia é a crença de que as eleições são capazes de destruir a ditadura burguesa.

Toda a estratégia de reformas do PT passava por controlar uma das instituições do Estado, o governo. O resultado foi sua incorporação ao regime, que transformou o PT em uma correia de transmissão dos interesses do imperialismo.

A DEMOCRACIA BURGUESIA E OS PROCESSOS REVOLUCIONÁRIOS

A utilização dos instrumentos da democracia burguesa para impedir que os trabalhadores superem o regime é uma das armas fundamentais da burguesia. Quando os soviets tinham se convertido em um poder real das massas, o governo de Kerenski, na Rússia de 1917, propôs a realização de um pré-parlamento, um instrumento de conciliação nacional. E houve uma forte polêmica entre os bolcheviques, que acabaram por boicotar essa manobra. O mesmo resultado não teve a revolução alemã, que apesar de ter desenvolvido poderosos instrumentos de poder, estes acabaram sendo absorvidos pelo parlamento.

Quando as massas entram em contradição com o regime, a política dos partidos diante desse fato pode definir os rumos da luta. Diante da crise política, o P-SOL defende a antecipação das eleições ou "uma nova Constituição que refunde a república a serviço da maioria" *como propõe uma de suas correntes. Todo o arsenal de palavras de ordem que servem para manter intactas as instituições e não apresentam nenhuma saída que tome como centro a ação das massas contra o regime. Assim, a tarefa de um partido, mesmo que não esteja colocada a superação imediata do regime, é também a de educar pacientemente os trabalhadores.*

ELEIÇÃO DE BERZOINI CONFIRMA QUE NADA MUDOU NO PT

YARA FERNANDES, da redação

No dia 13, saiu o resultado das eleições internas do PT. Com um comparecimento de pouco mais de 30% dos filiados, Ricardo Berzoini, do Campo Majoritário, foi eleito presidente do partido com 51,6% dos votos, contra 48,4% de Raul Pont, da *Democracia Socialista*.

O discurso enganoso de "refundação do PT" e o apoio que recebeu de Valter Pomar, candidato da Articulação de Esquerda, não foram suficientes para que Pont vencesse. Sua candidatura não apresentava grandes divergências com o Campo Majoritário. Mesmo que vencesse, Pont presidiria um partido cujo diretório é amplamente dominado pelo Campo Majoritário, ou seja, não haveria mudanças na condução do partido, qualquer que fosse o resultado. A candidatura de Pont se pautou no rechaço a qualquer possibilidade de ruptura com o partido, uma vez que significaria a "fragmentação da esquerda". Também defendeu o governo, fazendo apenas algumas críticas pontuais na economia. E, nessa disputa entre amigos, o resultado é que o PT continua como estava.

O QUE MUDA?

Em sua primeira entrevista coletiva como presidente do PT, Berzoini deixou claro que as prioridades da nova gestão serão reerguer o partido depois da enxurrada de lama e reeleger Lula em 2006. Para esta última tarefa, ele reforçou a necessidade de fazer amplas alianças, já que "os partidos de esquerda ainda são minoria" no Congresso.

O projeto de Berzoini para recuperar o PT não tem a ver com mudanças na política ou nos métodos do partido. Ao contrário, Berzoini elogiou o governo Lula, afirmando que *"em qualquer área, nosso governo é melhor que o anterior"*.

A própria escolha de Berzoini é uma prova de que nada muda de conteúdo no PT. Como ministro da Previdência, ele encaminhou a reforma da Previdência pública e fez a festa dos fundos privados de pensão. Depois, como ministro do Trabalho, tentou encaminhar a reforma Sindical e Trabalhista, que visa fortalecer as cúpulas das grandes centrais sindicais e destruir direitos históricos dos trabalhadores.

Só há uma coisa que realmente mudou nos últimos meses: é o fim do PT como direção da classe trabalhadora. O PT continuará existindo como aparato eleitoral e poderá inclusive obter grandes votações em eleições futuras. Mas esse partido não mais será visto como a esperança dos trabalhadores. Perdeu a imagem de partido ético e não mais mobilizará a classe trabalhadora ao seu redor. É o fim do ciclo petista, inaugurando o desafio de construir uma nova alternativa de direção para a classe trabalhadora.

FOTO WILSON DIAS

Raul Pont e Ricardo Berzoini cumprimentam-se no dia da votação

CORRUPÇÃO

A RECEITA DE UMA PIZZA

ENQUANTO DEPUTADOS CORRUPTOS dão no pé, outros mensaleiros apostam em acordão para livrar a cara

JEFERSON CHOMA, da redação

Há semanas, a crise política vem entrando em banho-maria. O escândalo do mensalão e de utilização de caixa dois pelos partidos está repleto de pizzas pelo caminho. Todos os casos mais graves, envolvendo Lula, Palocci, o PSDB e o PFL, simplesmente sumiram dos noticiários.

A oposição burguesa está convencida de que se levar adiante as denúncias também vai sair enlameada da crise, com a possibilidade de toda a podridão do governo FHC vir à tona. Para esses partidos, basta um Lula fraco e desgastado nas eleições do ano que vem.

Diante desse quadro, Lula vem tentando recuperar terreno e se firmar como candidato à reeleição no próximo ano. A última pesquisa do Ibope (11 a 13 de outubro), divulgada na noite do dia 14, aponta uma estabilização da imagem de Lula.

A desaprovação do governo caiu de 49% em setembro para 46% e a aprovação subiu de 45% para 46%. Ainda assim, as pesquisas mostram que o petista poderá ser derrotado pelo pré-candidato tucano, José Serra, em um eventual segundo turno.

RENÚNCIA DOS MENSALEIROS

Para escapar da cassação e garantir sua participação nas eleições de 2006, dois mensaleiros, os deputados José Borba (PMDB-PR) e Paulo Rocha (PT-PA) renunciaram aos seus mandatos na segunda-feira, 17. Ambos tiveram suas campanhas financiadas pelas contas de Marcos Valério. Com isso, dos 18 deputados citados nos relatórios da CPI como beneficiados pelo "valerioduto", apenas 11 poderão ter seus mandatos cassados. Na Itália, Lula reagiu depois que foi informado de que, entre os petistas, só o deputado Paulo Rocha renunciaria: *"Só o Rocha?!"*, disse.

Lula aguardava uma renúncia do conjunto dos petistas mensaleiros, pois na sua avaliação isso poderia pôr uma pá de cal na crise política. Mas os deputados petistas contrariaram Lula e escolheram outro caminho...

MAIS UM ACORDÃO?

A decisão dos deputados do PT, PP, PFL e PL em não renunciar pode estar acompanhada de um tremendo acordão realizado nos bastidores do Congresso. Seria uma ingenuidade acreditar que os corruptos parlamentares enfrentarão os processos de cassação de seus mandatos de "peito aberto". Muitos já fizeram as contas e avaliam que os processos de cassação não chegarão até o final do ano no plenário da Câmara. Tal acordo não seria nenhuma surpresa, pois os deputados mensaleiros poderiam se aproveitar de um ano eleitoral e negociar a preservação de seus mandatos.

O ambiente é favorável para essa ampla "anistia". É bom lembrar que a lista com os 18 deputados que foram jogados aos leões é parte do acordão firmado entre PT, PSDB e PFL. Nos relatórios da CPI não constam menções aos crimes cometidos pelos parentes de Lula (como seu filho, que enriqueceu subitamente e seu irmão que montou uma empresa de tráfico de influência), nem as propinas recebidas por Palocci, nem o caixa dois utilizado pelo senador Eduardo Azeredo, presidente do PSDB.

Outra prova descarada do clima de acordão no Congresso é o fato de os parlamentares, especialmente os petistas, falarem abertamente que já é hora de iniciar a "fase Banestado". Quer dizer, iniciar a fase de empastelamento das investigações, como foi feito na época da CPI do Banestado que, é bom lembrar, não puniu absolutamente ninguém.

FORA TODOS!

Governo, Congresso e oposição burguesa estão se aproveitando do clima de impunidade que paira em Brasília para livrar a cara de todos os mensaleiros. A maior crise política dos últimos anos poderá acabar com a cassação de apenas meia dúzia de parlamentares. Por isso, o **PSTU** reafirma a bandeira do "Fora Todos". Contra o acordão, devemos construir uma alternativa dos trabalhadores e da juventude à crise.

CONLUTAS CONVOCA CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES

UMA NOVA DIREÇÃO para as lutas vai nascer

EDUARDO ALMEIDA, da redação

A ruptura de milhões de trabalhadores com a CUT e o PT, por sua experiência concreta com o governo Lula, deve dar origem a novas direções para o movimento de massas. Essa é uma discussão estratégica para o conjunto da esquerda, cujo objetivo é superar o principal problema que os trabalhadores enfrentam, que é o de sua direção.

A Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) convocou, para abril de 2006, o Congresso Nacional dos Trabalhadores (CONAT), com o objetivo de fundar uma alternativa à CUT.

Publicamos nestas páginas a proposta da Federação Metalúrgica Democrática de Minas Gerais sobre como deveria ser essa nova entidade. Trazemos também a polêmica com setores da esquerda da CUT, que defendem a Assembléia Popular como forma de evitar o questionamento da CUT, ou seja, a construção de uma alternativa à central.

As últimas greves, como as dos bancários e funcionalismo federal da educação, só confirmam a necessidade de construir uma alternativa. Não é por acaso que muitos sindicatos e oposições de todo o país estão rompendo com a CUT e aderindo à Conlutas. É hora de construir a nova organização a partir da base.

FOTO DIEGO CRUZ

Plenária do II Encontro da Conlutas, em Brasília

LIÇÕES DAS GREVES

Nas últimas greves, mais uma vez se mostrou o problema dramático da direção das mobilizações. Como a CUT se transformou num braço do governo, seus dirigentes tentam a todo custo evitar as greves. Quando não conseguem, buscam acordos rebaixados com a patronal e impedem que as lutas se choquem com o governo, como foi o caso dos trabalhadores dos Correios.

Por outro lado, a experiência dos trabalhadores com essas direções e com o governo levou a uma ruptura massiva na base dos setores organizados. Isso cria uma oportunidade muito importante para a construção de alternativas a essas direções.

CROMAFOTO

A EXPERIÊNCIA EM BANCÁRIOS

A última greve nacional dos bancários esteve em todos os seus momentos atravessada pela questão da direção. A experiência da greve de 30 dias do ano passado, contra a direção dos principais sindicatos do país (ligados à CUT), levou os bancários a desconfiarem da possibilidade de conquistar qualquer coisa com essa direção. Esse foi, sem dúvida, um elemento para enfraquecer a greve. O acordo firmado é uma demonstração de como a desconfiança dos bancários é correta. Um reajuste de 6% dos salários, enquanto os banqueiros lucraram, só em 2005, 52% a mais do que em 2004.

No final da mobilização, ficou para os bancários a certeza de que o reajuste conquistado poderia ter sido muito maior, se houvesse outra direção. O reforço do *Movimento Nacional de Oposição Bancária* (MNOB), que apóia a Conlutas, é a principal conclusão da greve bancária. Essa conclusão tem uma particular importância no Rio de Janeiro, onde se realizará a eleição do sindicato em abril de 2006.

TRAIÇÕES NO FUNCIONALISMO

No funcionalismo público federal, as direções ligadas ao governo evitaram a unificação das categorias, levando à derrota as greves da Previdência e IBGE. Agora, a greve do funcionalismo federal da educação (Andes, Fasubra, Sinasefe) se enfrenta com a direção governista da Fasubra (o agrupamento *Tribo*), que tenta de todas as formas levar a greve à derrota.

Não é por acaso que no funcionalismo crescem a ruptura com a CUT e a adesão à Conlutas. Durante a greve, a associação dos funcionários da Universidade Rural do Pará rompeu com a CUT e aderiu à Conlutas. O Sinasefe realizou seu congresso nacional, no qual a chapa que apóia a Conlutas passou de 43% dos votos no congresso anterior, para 65% agora.

O P-SOL, MAIS UMA VEZ, SE DIVIDIU

Um grupo do P-SOL, que está na diretoria do sindicato dos bancários de São Paulo junto com a Articulação, *defendeu a abstenção na assembléia decisiva, para boicotar a proposta de continuidade da greve defendida pela oposição. A proposta teve menos de 30 votos. Enquanto isso, outro setor apoiava a greve e a oposição bancária no Rio. No funcionalismo federal um setor do P-SOL da Previdência (que é contra a Conlutas) concordou com um acordo que desmontou a greve, enquanto outros setores do partido que atuam na categoria (e integram a Conlutas) foram contra o acordo e pela continuidade da greve.*

'UMA ALTERNATIVA PARA TODOS OS TRABALHADORES'

Leia trechos da proposta da Federação Democrática Metalúrgica de Minas Gerais ao Congresso. A íntegra pode ser lida no Portal do PSTU

"Romper com a CUT é só o primeiro passo. É preciso, a partir daí, construir uma organização alternativa, caso contrário a ruptura apontaria apenas para a dispersão. Nisso consiste a tarefa mais importante da classe trabalhadora brasileira, neste momento de reorganização de suas forças que foi desencadeado pela nova situação política aberta com o governo Lula (...)

As forças sociais reunidas em torno da Conlutas hoje (cerca de 170 entidades, entre federações, sindicatos nacionais, sindicatos de base e seções sindicais; 50 oposições sindicais; vários movimentos populares, organizações estudantis reunidas na Conlute com representatividade significativa entre a juventude) são um ponto de apoio suficiente para darmos passos concretos no sentido de avançarmos na construção dessa alternativa (...)

Não queremos construir uma nova CUT. É preciso avançar para além da experiência representada por essa Central, buscando superar as suas limitações e evitar a repetição de erros.

· Em primeiro lugar é preciso observar que a grande maioria das forças sociais que se reuniram em torno da Conlutas são entidades sindicais (...) Essa Alternativa deve ser sim um abrigo para os sindicatos que estiverem de acordo com a sua plataforma programática, mas precisa ser muito mais do que isso.

· No Brasil, mais da metade da classe trabalhadora está fora dos sindicatos.

· A luta da classe trabalhadora brasileira contra o neoliberalismo e por condições dignas de vida não se esgota nas lutas sindicais. Há inúmeros movimentos e organizações sociais em nosso país que lutam por reforma agrária, por moradia, saúde, educação, contra a discriminação racial, sexista e homofóbica. Nossa alternativa deve, portanto, ter espaço em seu interior para buscar abranger todas essas organizações.

A autonomia política, administrativa e financeira das entidades sindicais, movimentos populares e organizações estudantis que vierem a participar dessa alternativa será preservada em sua integralidade (...)

Por outro lado, a unidade na ação desse conjunto de entidades e movimentos deverá ser construída com base no convencimento político, através de debate democrático, e não imposta por decisões tomadas por cima (...)

ALTERNATIVA DE LUTA E AUTÔNOMA

Acreditamos que a plataforma programática deve ter como base o acúmulo que a esquerda brasileira construiu no país, nos últimos 25 anos.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Historicamente, os capitalistas têm usado vários meios para perpetuar sua dominação sobre a classe trabalhadora. Um desses meios é a cooptação, a domesticação, de dirigentes e organizações, buscando desarticular suas lutas e desmoralizar a classe trabalhadora. É o que está acontecendo em nosso país, com o PT e a CUT. E, como podemos ver, essa cooptação se dá via compromissos políticos e também através de obtenção de vantagens materiais por dirigentes e organizações.

A Conlutas, consciente da experiência já vivida pela nossa classe nessa sociedade, deverá pautar a sua existência pelo princípio da independência de classe. Deve ser política e administrativamente independente do Estado, de governos e dos patrões.

Também no aspecto econômico isso é fundamental, pois não há dependência financeira sem dependência política. A Conlutas deve ser financiada pelas organizações que dela fizerem parte e contribuições voluntárias dos trabalhadores.

A AUTONOMIA FRENTE AOS PARTIDOS É FUNDAMENTAL

Todos os trabalhadores devem sentir-se em casa, dentro da Conlutas, independentemente de suas opções partidárias, ou de não ter nenhuma opção de partido político. A alternativa que estamos construindo precisa ser, então, autônoma em relação aos partidos.

Essa autonomia se materializará principalmente em duas questões fundamentais: 1) serão as instâncias da Conlutas que definirão, soberanamente, as suas políticas; e 2) no caráter dessa alternativa, que deve ser o de uma organização de sindicatos e movimentos sociais, sem caráter partidário.

Autonomia em relação aos partidos, por outro lado, não pode ser confundida com apoliticismo. A Conlutas deverá posicionar-se frente aos acontecimentos da luta de classes no país, pautando-se sempre pelo seu programa, pela defesa dos interesses imediatos e históricos dos trabalhadores e na decisão de suas instâncias.

DEMOCRACIA

O modelo de organização que precisamos construir tem que passar longe do modelo centralizado pela cúpula como são as centrais sindicais de hoje. É preciso enfrentar efetivamente o processo de burocratização que vive o movimento sindical brasileiro e adotar formas de funcionamento que superem muitos dos problemas existentes hoje. Queremos uma alternativa que baseie seu processo de decisão em instâncias com ampla participação das entidades e da base, com mecanismos que assegurem a democracia interna e o respeito à diversidade política. Concretamente, chamamos a atenção para os seguintes aspectos:

Integrar a base e as entidades e movimentos sociais na construção das políticas e formulação dos planos de ação da Conlutas. Precisamos construir uma "rotina" de discussão interna, em que as propostas de intervenção política, as campanhas, definição de planos, passem por discussão das entidades e da base. Ou seja, é necessário que haja um processo permanente de interação entre a "direção nacional" da Conlutas e suas bases. A unidade de todas as entidades e movimentos para a ação da Conlutas deve ser, portanto, construída com base no convencimento político, e não a partir de decisão tomada por sua "direção nacional".

Mas há também outra forma de composição da "direção nacional" dessa alternativa: compor uma espécie de "Coordenação Nacional", parecida com o funcionamento que tem hoje a Conlutas, com representação de cada setor/estado/movimento social/etc. O número de representantes de cada setor seria definido no Congresso. Nesse caso, não haveria mandato fixo de dirigentes, e sim da representação dos diversos setores.

CONSTRUÇÃO PELA BASE

- É preciso que todo esse debate, bem como os debates posteriores sobre as ações da alternativa que estamos construindo, cheguem às bases de cada setor. Não se pode restringir esses debates aos fóruns de direção das entidades e movimentos.

- É preciso avançar na organização dos trabalhadores na base (particularmente no setor privado onde esse processo é mais atrasado). Para isso, devemos aproveitar as CIPAs, Comissões de Empresa, grupos clandestinos etc. No setor público, é importante aproveitar os espaços existentes, dos conselhos de representantes, delegados sindicais, para esse mesmo fim.

- Da mesma forma, é importante o processo das Oposições Sindicais."

ASSEMBLÉIA POPULAR E A RUPTURA COM A CUT

No final de setembro, foi realizado em São Paulo o primeiro encontro da Assembléia Popular, promovido por sindicalistas ligados ao P-SOL e à esquerda cutista e, de acordo com seus organizadores, o objetivo seria o de unificar setores que estão fora da CUT e os que ainda permanecem na central.

Essa avaliação não aponta somente uma pequena diferença tática, mas estratégica sobre os rumos do sindicalismo do país. O que está em jogo é uma questão de fundo: é necessário ou não superar a CUT e construir uma nova central para levar a unidade da luta dos trabalhadores contra o governo? Os que apostam na construção da Conlutas dizem que sim, pois sem uma alternativa nacional, as lutas locais vão terminar sendo derrotadas e levadas à dispersão.

A maioria dos organizadores da Assembléia, o que inclui os setores da esquerda da CUT, afirma que não, que não é correto construir uma alternativa à CUT. Ajudam a confundir os trabalhadores, vendendo a idéia de que a unidade para a luta pode passar pela CUT. Por isso, seguem dentro da CUT, boicotando os atos da Conlutas. Por isso, a Assembléia marcou um encontro para abril de 2006, exatamente na mesma data do congresso convocado pela Conlutas, com o objetivo de enfraquecer a construção da alternativa que surge. Ajudam, assim, a manter a sobrevida da CUT.

Um setor do P-SOL já está engajado na construção da Conlutas, o que é muito importante. Outra parte do P-SOL, contudo, não só não participa, como luta contra a construção da Conlutas, tentando impedir o surgimento de uma alternativa para as lutas dos trabalhadores. Os companheiros precisam superar essa situação, da mesma forma que os demais setores que estão na Assembléia Popular: é preciso romper com a CUT e somar forças na construção de uma alternativa para as lutas dos trabalhadores. A longa lista de traições dessa central, que aumenta a cada luta que acontece, só reforça essa necessidade.

PETROLEIROS PARAM CONTRA A ENTREGA DE RESERVAS

OPOSIÇÃO MOBILIZA a categoria contra o leilão e por campanha salarial

AMÉRICO GOMES, da Direção Nacional do **PSTU**

Petroleiros de todo o país realizaram uma forte greve de 24 horas no dia em que o governo iniciou a Sétima Rodada de Leilão das Reservas Petrolíferas, que vai de 17 a 19 de outubro no Rio de Janeiro. O leilão coloca à disposição das empresas privadas 1.134 blocos de exploração de petróleo e gás natural. A ANP (Agência Nacional do Petróleo) habilitou 114 empresas para participar do leilão, entre elas as grandes multinacionais do petróleo como a Esso, Shell, Chevron e a Repsol.

Além de enfrentar a entrega do petróleo ao capital privado e estrangeiro, os petroleiros lutam também pelas reivindicações da campanha salarial 2006. A paralisação contou com adesão total em nove refinarias, 32 plataformas da Bacia de Campos e os principais terminais. Além disso, os petroleiros realizaram diversas manifestações em todo o país. Essa foi a primeira grande mobilização da campanha salarial impulsionada pela Coordenação Nacional de Lutas e pelo BASE (Bloco Alternativo Sindical de Esquerda), corrente de oposição à direção da FUP (Federação Única dos Petroleiros), dominada pelos governistas da *Articulação* e do PCdoB.

Os petroleiros pararam totalmente as atividades das refinarias: REPLAN – Refinaria de Paulínia, em Campinas (SP); RPBC – Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão (SP); RECAP – Refinaria de Capuava, em Mauá (SP); REVAP – Refinaria do Vale do Paraíba, em São José dos Campos (SP); RLAM – Refinaria Landulpho Alves, na Bahia; FAFEN – Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados, Bahia; REMAN – Refinaria de Manaus, em Manaus (AM); REFAP – Refinaria Alberto Pasqualine (RS); REGAP – Refinaria Gabriel Passos (MG); REPAR – Refinaria de Araucária, no Paraná; SIX – Superintendência da Industrialização do Xisto, no Paraná. Os terminais: Guararema, Guarulhos, Barueri, São Caetano, Alemoa, Pilões e São Sebastião, (todos no estado de São Paulo); Senador Canedo (GO); Guaramirin, Itajaí, Biguaçu e São Francisco (todos em Santa Catarina); Paranaguá (PR); de SUAPE (PE); Marítimo Almirante Alves Câmara (BA); de Osório (RS); Cabiúnas (Macaé, no Norte Fluminense) e as áreas de produção: Bacia de Campos, Pólo Guamaré, Mossoró e Alto do Rodrigues, Sergipe e Alagoas.

PETROLEIROS REJEITAM PROPOSTA DA PETROBRAS

A categoria rejeitou a proposta rebaixada realizada pela direção da empresa, de apenas 4,89% de reajuste e nenhum ganho real. Além de propor um índice extremamente rebaixado, a Petrobras ainda ignorou as principais reivindicações da pauta, como o Plano Petros e o fim do trabalho terceirizado. Atualmente, os novos contratados, que correspondem a cerca de 25% dos ativos, não têm direito à previdência complementar. Já a terceirização avança rapidamente, chegando a constituir 80% dos petroleiros.

Neste final de semana, dos dias 23 e 24, haverá uma reunião de um Comando Nacional de Mobilização chamado pelo Conlutas/Petroleiros/BASE, para fazer um profundo balanço da paralisação e decidir sobre novas ações.

BANCÁRIOS

DIREÇÕES SINDICAIS DESMONTAM GREVE BANCÁRIA

DESGASTE da CNB-CUT é cada vez maior, enquanto oposições da Conlutas se fortalecem

DIEGO CRUZ, da redação

Depois de seis dias de uma greve nacional que atingiu 23 estados, as direções sindicais ligadas à CUT e ao PT impuseram, no último dia 13, o fim da paralisação e a aprovação de uma proposta rebaixada elaborado em conjunto com a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos), na noite do dia 12 de outubro.

A proposta aprovada pela CNB-CUT (Confederação Nacional dos Bancários) e as direções dos sindicatos, ligadas à Articulação, prevê reajuste de apenas 6%, abono de R$ 1.700 e PLR (Participação nos Lucros e Resultados) de R$ 800 fixos mais 80% dos salários (no caso dos bancos privados e na Caixa Econômica Federal). A reivindicação da campanha salarial, por si só já bastante rebaixada frente ao lucro recorde dos bancos e a defasagem salarial da categoria, exigia reajuste de 11,77% e PLR de R$ 788 fixos mais 5% referente ao lucro líquido do banco.

Alguns estados, como Rio de Janeiro, Maranhão, Piauí e Brasília, através da pressão da oposição e da base da categoria, conseguiram manter a greve até o dia 13, mas foram obrigados a suspender o movimento devido ao isolamento imposto pelas direções.

Apesar da traição, a proposta aprovada representou um pequeno avanço em comparação à proposta inicial dos banqueiros, provando que, caso houvesse um real interesse das direções em mobilizar a categoria, os bancários poderiam ter conquistado muito mais.

DIREÇÕES: EMPECILHO PARA MOBILIZAÇÃO

O desfecho da greve bancária de 2005, a exemplo do que ocorreu ano passado, prova mais uma vez que as direções da categoria constituem um entrave para a mobilização. Wilson Ribeiro, bancário da Caixa Econômica Federal e membro da Oposição Bancária em São Paulo conta que *"o sindicato jogou pra baixo a categoria, chamando a votar nos 6% como uma conquista possível, esquecendo completamente os minguados 11,77% que bradavam dias atrás"*.

FOTO SÉRGIO KOEI

Na assembléia de São Paulo, cartaz pelo controle da base na greve

A descrença nessa direção foi um obstáculo para a greve desde seu início. Mesmo no Rio, ponto forte das mobilizações, a categoria já não demonstrava o mesmo nível de radicalização que deu o tom da greve do ano passado. *"Isso foi causado pela desconfiança e a insegurança com que a base enxerga as direções, temendo que elas impusessem mais uma derrota à categoria"*, explica o bancário do Unibanco e membro da Oposição no estado, Alexandre Lopes. *"Mesmo companheiros que participaram de piquetes ano passado já não tinham a mesma disposição, diziam 'não reconheço esse índice, essa campanha não é minha'"*, enfatiza.

Apesar disso, a categoria e a Oposição construíram um forte movimento nacional, impondo importantes vitórias, como as mesas específicas dos bancos públicos, ainda que as direções manobrassem a todo o momento para impedir que se discutissem as reivindicações da categoria.

LUTA NÃO ACABOU

A Oposição Bancária e a Conlutas saem fortalecidas da greve, apontando a continuidade da mobilização. *"Temos que retomar agora as questões específicas, que não foram contempladas"*, afirma Wilson. *"Aqui no Rio, a Oposição fez uma plenária com mais de 100 companheiros, onde discutimos os próximos rumos do movimento, como a luta contra a reposição dos dias parados e a continuidade da campanha salarial nos bancos públicos, onde vamos exigir a realização de assembléias específicas"*, reitera Alexandre.

PLENÁRIA ESTUDANTIL APROVA COMANDO NACIONAL DE GREVE

THIAGO HASTENREITER,
da Secretaria Nacional da Juventude

No feriado do dia 12 de outubro, estudantes universitários e secundaristas de vários estados do país se reuniram em Niterói (RJ) para debater e fortalecer a greve da educação federal. Estiveram presentes representantes dos comandos locais de greve das instituições federais de Santa Catarina (UFSC), Brasília (UnB), Niterói (UFF), Juiz de Fora (UFJF) e São Paulo (Cefet); os Diretórios Centrais dos Estudantes da UFRJ, UFMG, UFRRJ, UFPI e UERJ; e a Executiva de Letras (ExNEL). Estudantes do Colégio Pedro II também participaram da plenária.

O clima que tomou conta do evento era de nacionalizar a greve estudantil já deflagrada em cinco universidades. A solidariedade dos estudantes aos docentes e servidores técnicos-administrativos ficou expressa em muitas intervenções. *"Somente através da união dos estudantes e trabalhadores essa greve poderá ser vitoriosa"*, afirma Luiz Fernando Cassanho, estudante da Cefet-SP.

A plenária construiu uma pauta de reivindicações, na qual se destaca o aumento das verbas destinadas à assistência estudantil, concurso público pelo Regime Jurídico Único (RJU), o adiamento do vestibular, o fim do ensino à distância, 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação e passe-livre para todos os estudantes e desempregados. A revogação do ProUni e da Lei de Inovação Tecnológica também foi reivindicada pelos presentes.

Foi aprovada por aclamação a "Carta de Niterói", que denuncia os sucessivos cortes de verba da educação e o caráter privatizante da reforma Universitária de Lula/FMI. A carta não poupa os escândalos de corrupção do governo do mensalão e o "caixa 2" do PT e alerta para o acordão que está sendo tramado nos bastidores do Congresso Nacional para tudo terminar em pizza. O evento deliberou ainda um calendário de luta que inclui o 26 de outubro como dia nacional de mobilização e o boicote ao Exame Nacional de Desempenho do Estudante (ENADE), marcado para 6 de novembro.

O ponto alto da plenária foi o encaminhamento para constituição do Comando Nacional de Greve e Mobilização (CNGM), a ser instalado em Brasília, no dia 19 de outubro. Mais de 180 estudantes cantavam entusiasticamente: *"Para o governo, ser derrotado, Comando Nacional Unificado!"*.

O CNGM corresponde a uma necessidade real do movimento estudantil combativo, tendo em vista o boicote sistemático da União Nacional dos Estudantes (UNE) à greve da educação federal. A ausência completa dessa entidade nas lutas das universidades federais é rapidamente substituída por uma militância governista empenhada em desmontar a mobilização estudantil. Na UFF, por exemplo, setores ligados à UNE fundaram o movimento NO GREVE e declararam guerra aos professores e funcionários. Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o DCE, que nada mais é do que um apêndice da UNE, promoveu a invasão da assembléia dos docentes para impedir a deflagração da greve. Como se não bastasse, na UFRRJ, a corrente Articulação de Esquerda (AE), fervorosa defensora da UNE, propôs que os estudantes ocupassem o sindicato dos técnicos-administrativos, mas foi fragorosamente derrotada.

> **A CONLUTE expressa a construção do novo, expressa um convite à ousadia. É uma coordenação nascida da luta e para a luta.**

Se a UNE e seus aliados pensam que vão conseguir acabar com essa greve, estão muito enganados. Os estudantes em luta vão acabar com a UNE primeiro. O CNGM que será constituído em Brasília, apoiado por DCEs, entre os quais muitos são filiados à Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes (Conlute), tocará firmemente essa greve até a vitória do movimento e a derrota do governo corrupto de Lula e do PT.

P-SOL MAIS UMA VEZ NA CONTRA-MÃO

O P-SOL, apesar de não ter convocado nenhum estudante para a plenária do dia 12, esteve presente na atividade com alguns militantes da "UNE Vermelha". Os companheiros inclusive ficaram na mesa coordenadora do evento, demonstrando que aquele espaço foi permeado pela mais ampla democracia.

Foi uma grande oportunidade para unificar pela base os lutadores e impulsionar a nossa greve. Estavam presentes ali a maioria dos comandos locais e DCEs de luta. No entanto, os companheiros se colocaram frontalmente contra a formação do CNGM e preferiram chamar uma outra plenária para o dia 15 de outubro. Essa iniciativa, ao invés de fortalecer o movimento, o enfraquece. O governo com certeza aplaudiu a política divisionista dos companheiros. O resultado foi que a plenária do dia 15 convocada pelo P-SOL foi um verdadeiro fiasco e, ao invés de ajudar, atrapalhou e confundiu.

Não são nenhuma novidade as diferenças que o PSTU tem com o P-SOL. É um erro colossal permanecer nos marcos da UNE e sustentar essa entidade falida nas universidades federais, principalmente agora no momento da greve. Apesar disso, acreditamos que ainda é possível fazer ações em conjunto com os companheiros. Vocês têm mais uma oportunidade de se redimir pelo grave erro cometido se integrando ao CNGM. Esperamos, sinceramente, encontrar com os companheiros em Brasília.

FOTO WLADIMIR SOUZA

Conlute no ato de 15 de setembro, em São Paulo

CONLUTE SE FORTALECE A CADA DIA

Desde maio de 2004, quando foi fundada a Conlute no Encontro Nacional Contra a Reforma Universitária, no Rio de Janeiro, o movimento estudantil brasileiro vem se polarizando em torno da discussão da construção de uma alternativa de luta.

De lá para cá, a Conlute desencadeou importantes mobilizações ao lado dos trabalhadores. Destaca-se a marcha a Brasília no dia 17 de agosto, onde denunciamos o esquema de corrupção do governo Lula. Em seguida, vieram os atos estaduais, onde os estudantes gritaram em alto e bom som o "Fora Todos!", impactando as principais capitais do país. Agora, mais uma vez a Conlute se lança no cenário nacional impulsionando a greve da educação federal.

O sucesso da plenária do dia 12 e a formação do CNGM se devem em grande parte às entidades que estão construindo a Conlute, que está sendo capaz de aglutinar amplos setores que estão lutando nas escolas e universidades federais.

Os estudantes não mais acreditam que é possível ressuscitar o cadáver da UNE. Prova disso é o fenômeno de ruptura que vem acontecendo com as executivas de curso, a exemplo das de Comunicação Social, Letras e Pedagogia.

Não podemos ficar reféns de um passado distante. A Conlute expressa a construção do novo, expressa um convite à ousadia. É uma coordenação nascida da luta e para a luta.

FOTO ANDRÉ BARRETO / ANDES-SN

Ato da greve do funcionalismo

'VOCÊ PODE DIZER QUE SOU UM SONHADOR' *

SE NÃO TIVESSE SIDO ASSASSINADO há 25 anos, o mais poético dos Beatles, John Lennon, teria feito 65 anos em 9 de outubro. Figura marcante no cenário cultural e político durante os anos 60 e 70, Lennon ainda hoje é uma referência para a música

***WILSON H. SILVA**, da redação*

Nascido em 9 de outubro de 1945, John Lennon era filho de um homem do mar, como boa parte da população da cidade portuária de Liverpool, na Inglaterra. Era bastante pobre também, como a maioria. Tanto é que, ainda na infância, ele foi entregue aos cuidados de uma tia, já que seus pais, Julia e Alfred, não consideravam ter condições de criá-lo.

A hoje famosa rebeldia do cantor veio à tona ainda na adolescência, em uma série de tumultuados episódios em sua escola secundária, onde também brotou o interesse por outras áreas, que seriam sua marca registrada: um profundo apreço e conhecimento sobre literatura e, obviamente, o envolvimento com a música.

Sua primeira banda, a *Quarry Men* (os "homens da Quarry", o nome da escola onde estudava) foi formada antes que ele completasse 15 anos, fortemente influenciada pelo rock norte-americano, particularmente Elvis Presley. Depois de várias mudanças na formação, a banda ganhou impulso em 1957, quando o também adolescente Paul McCartney entrou para a banda, que passou a se chamar *Johnny & The Moondogs* ("cachorros da Lua").

Pouco mais tarde, quando a parceria entre Paul e John já atraía a atenção dos boêmios de Liverpool, a banda adotou o nome de *The Beatles*, uma palavra que estabelece um poético jogo entre *beat* ("batida" ou "compasso") e *beetle* (besouro).

Em 5 de outubro de 1962, a dupla assinou letra e música do compacto *Love Me Do / P.S.: I love you*, que em poucas semanas estouraria nas paradas de sucesso britânica. Um sucesso que nos oito anos seguintes (parece inacreditável, mas o último disco da banda, *Let it be*, foi gravado em 1970) transformou o grupo no maior fenômeno da cultura pop de todos os tempos. E o resto é lenda...

Uma lenda da qual um dos personagens mais mitificados foi John Lennon. Um mito alimentado não só por suas posturas radicais e, muitas vezes, inesperadas, como também por seu brutal e totalmente estúpido assassinato, cometido por um fã, no dia 8 de dezembro de 1980.

CORAÇÃO E MENTE DOS BEATLES

Falar dos Beatles e discutir preferências por algum dos "quatro fantásticos" é sempre uma temeridade. Contudo, é muito difícil negar que, do ponto de vista público, John Lennon sempre foi a figura em maior evidência e responsável pela criação do mito em torno da banda, tanto por aquilo que os Beatles deixaram de legado artístico, quanto pelas polêmicas em que se meteram.

Foi de Lennon, por exemplo, o primeiro sucesso "bombástico" do grupo, *I want hold your hand*, que ganhou o mundo em 1964. Como também foi através das relações de Lennon que os Beatles incursionaram no mundo da maconha e do LSD que, aliás, foi "homenageado" com *Lucy in the Sky with Diamonds*, em um dos mais maravilhosos e lisérgicos filmes feito pela banda, *Yellow Submarine*, que transportava a não menos alucinada *Sargent Pepper Lonely Heart Band*.

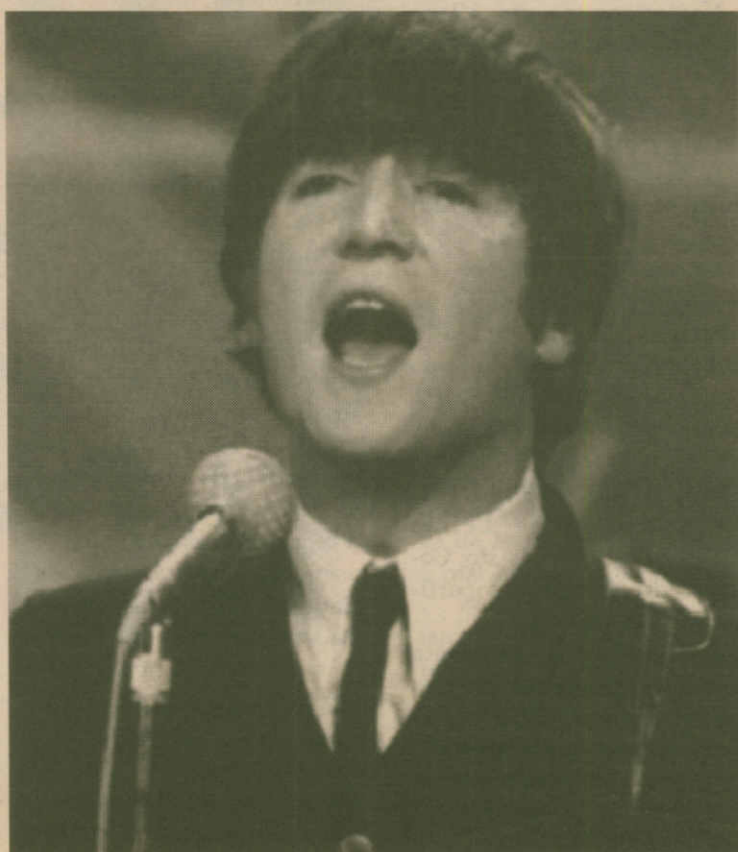
Por fim, também são de Lennon as frases e atitudes mais radicais do grupo. Conhecido por sua militância pacifista contra a Guerra do Vietnã e por seu envolvimento em campanhas de solidariedade das mais diversas ao redor do mundo, John Lennon era um "frasista" e tanto, que utilizava sua facilidade com as palavras para opinar sobre temas que vão da defesa da mais ampla liberdade sexual a uma confusa oposição ao imperialismo, passando por críticas generalizadas à sociedade.

Uma das mais famosas de suas frases, diga-se de passagem, ainda hoje é mencionada como exemplo maior de "heresia e blasfêmia": *"O Cristianismo vai acabar. Vai encolher e desaparecer. Somos mais populares que Jesus Cristo. Não sei quem vai acabar primeiro, O Cristianismo ou o Rock 'n' Roll"*.

Muitos, inclusive, creditam o fim dos Beatles à "boca larga" de Lennon (e, posteriormente, de sua mulher Yoko Ono). Contudo, essa é uma daquelas polêmicas que, de fato, não dá pra se ter idéia de quando vai acabar.

UM PACIFISTA RADICAL

Polêmicas à parte, suas composições, evidentemente, são seu maior legado. Composições que, inclusive, extrapolaram a fronteira dos Beatles, em uma carreira que Lennon desenvolveu com altos e baixos – marcada por ameaças de deportação dos EUA devido ao envolvimento com drogas e à defesa de campanhas políticas radicais e por umas tantas controvérsias relacionadas ao seu sempre conturbado relacionamento com Yoko.

Naquilo que importa de fato, ou seja, suas letras e músicas, é bom lembrar que, além de enorme poesia, elas sempre foram carregadas de uma preocupação com a vida e com aquilo que o ser humano pode ter de melhor: a liberdade e o amor, o direito a uma vida digna e à denúncia de toda e qualquer forma de opressão.

Em *Attica State*, por exemplo, Lennon canta em seu refrão que somos todos companheiros dos prisioneiros massacrados Ática, em 1971, uma espécie de versão gringa de nosso Carandiru. *Em Give peace a change* ("dê uma chance à paz") apesar do tom obviamente "pacifista", Lennon espinafra quase todo mundo, rimando "masturbação" com "nações unidas" ou "ministros" com "sinistros".

Algo semelhante ao que acontece em *Revolution*, onde o cantor, mais uma vez, declara sua – equivocada – crença na possibilidade de mudança no mundo sem a destruição do velho, mas também reafirma essa necessidade como único caminho para algum tipo de evolução.

Como também é um radicalismo pouco visto entre os "grandes astros" a letra de *Sunday, Bloody Sunday*, escrita em homenagem aos irlandeses massacrados pelo exército britânico, em janeiro de 1972. Fazendo comparações entre Londres e Roma, Lennon enfrenta o imperialismo de seu próprio país e sai apaixonadamente em defesa dos que deram sua vida pela liberdade.

Uma postura que muito provavelmente surgiu da própria origem de classe de Lennon, algo que ele transformou em música com *Working Class Hero* ("herói da classe operária"), onde ele se levanta contra todos aqueles que tentam oprimir, amedrontar e paralisar esses heróis do povo.

TRILHA SONORA DE TRÊS GERAÇÕES

Letras e postura política à parte, o fato é que poucos são os artistas que, há mais de 40 anos – e depois de 25 anos de sua morte – continuam a fazer parte, de forma tão intensa, do imaginário e da "trilha sonora" de tanta gente mundo afora.

Afinal, já são pelo menos umas três gerações que cresceram ao som de *Help* ou *Imagine*; que dançaram, se comoveram e amaram ao som de uma infinidade de outras tantas letras e músicas.

**Trecho da música* Imagine

Os rapazes de Liverpool conquistam o mundo

O INIMIGO NA CASA DO VIZINHO

JEFERSON CHOMA, da redação

O imperialismo norte-americano prepara-se para dar mais um importante passo no seu projeto de militarização da América Latina. Em maio deste ano, o Senado do Paraguai aprovou uma lei que concede imunidade às tropas dos Estados Unidos e permite que elas se desloquem para o Paraguai com objetivo de realizar exercícios militares. A lei foi posteriormente sancionada pelo presidente do país, Nicanor Duarte Frutos.

Além de dar total imunidade aos técnicos militares e tropas norte-americanas para entrar e sair do país, transportar armamentos e operar em qualquer parte do território paraguaio, a lei é parte de projeto que visa ampliar o cerco militar aos países latino-americanos. Em agosto de 2005, o secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld, visitou Assunção para fechar um acordo bilateral de livre comércio que teria como contrapartida a instalação da base militar norte-americana na região do Chaco, norte do Paraguai.

OLHO GORDO NA BOLÍVIA

País vizinho do Brasil, o Paraguai possui uma localização territorial estratégica para a região do Cone-Sul. Possui parte da maior hidroelétrica do planeta, a Itaipu, fonte de um quinto da eletricidade consumida no Brasil, e tem no seu subsolo, junto com a Argentina e o Brasil, a reserva de água potável mais importante do mundo, o aqüífero Guarani.

Sob a desculpa de combater o "terrorismo", a lei aprovada permite que soldados norte-americanos realizem operações militares nessa região, conhecida como a tríplice fronteira.

Mas não é só isso. A instalação da base militar no Chaco tem como finalidade garantir a "segurança" das reservas de gás natural da Bolívia, que fica próxima à região, e impedir que o desenvolvimento da situação revolucionária do país possa ameaçar as empresas multinacionais que saqueiam as reservas de hidrocarbonetos (derivados de gás e petróleo). Em poucas palavras, o imperialismo poderá facilmente invadir o país caso a luta do povo boliviano coloque em xeque o lucro das empresas estrangeiras.

Para a instalação da base, os EUA contam com a pista de aterrissagem de Mariscal Estigarribia, localizada a 250 Km da fronteira boliviana. A pista tem 3.800 metros de comprimento e é capaz de receber até aviões de bombardeio, como o mortífero B-52. Hoje, existem 400 militares norte-americanos no Paraguai, mas a base tem infra-estrutura necessária para abrigar até 16 mil militares com todo o armamento necessário.

ESCRITÓRIOS DO FBI

Como parte do acordo, Washington vai abrir no Paraguai escritórios do FBI (polícia Federal dos EUA) para "ajudar na segurança interna". Representantes do Pentágono, conselheiros e agentes realizarão seminários para soldados e policiais paraguaios para "combater o crime e o terrorismo na região". Em outras palavras, irão treinar especialistas em repressão das lutas sociais no Paraguai. *"Hoje, todos os escritórios de segurança norte-americanos estão funcionando [no Paraguai]"*, afirma o advogado Orlando Castillo, membro da Serpaj (Serviço de Justiça e Paz).

FECHANDO O CERCO

Da mesma forma como fez no Equador, Peru, Colômbia, Panamá, Porto Rico, dentre outros países onde foram instaladas bases militares, o imperialismo quer estabelecer outra cabeça de ponte para garantir a recolonização da América Latina. Com a subserviência do Congresso e do Parlamento, a medida, como descrevem muitos analistas independentes, vai transformar o Paraguai num enclave militar dos EUA na América do Sul. Prova disso é que os exercícios militares não param de crescer. *"Monitoramos 46 operações militares americanas desde 2002. Anteriormente, esses exercícios eram estabelecidos por seis meses. Depois aumentaram a quantidade de exercícios e o período, primeiro para um ano e agora para 18 meses"*, disse Castillo.

> **A LEI APROVADA pelo Senado do Paraguai vai transformar o país em um enclave militar dos Estados Unidos na América do Sul**

O Partido dos Trabalhadores, seção paraguaia da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI), soltou nota repudiando o ingresso de militares no país. *"A presença de militares e funcionários dos EUA representa um perigo para toda a América Latina (...). É a entrega inescrupulosa de nossa soberania por parte do governo Nicanor e dos parlamentares de todos os partidos burgueses"*.

Por fim, a nota conclama a resistência para expulsar as tropas do país.

O grito "Fora Tropas Ianques de Toda a América Latina" deve ser uma bandeira empunhada por todos os trabalhadores brasileiros nos atos de repúdio à visita de Bush ao Brasil.

ÀS RUAS CONTRA BUSH

CONLUTAS e Campanha Contra a Alca preparam atos para 5 de novembro contra a visita do presidente norte-americano no Brasil

ROBERTO BARROS, da redação

A Casa Branca confirmou a participação do presidente norte-americano George W. Bush na IV Cúpula das Américas, encontro promovido pela Organização dos Estados Americanos (OEA), entre 3 e 5 de novembro, em Mar del Plata, na Argentina. A rejeição à vinda de Bush aumenta diante da militarização da cidade de Mar del Plata – cerca de 2,5 mil agentes norte-americanos devem desembarcar no mais ilustre balneário argentino.

Bush participará da Cúpula para "dialogar com os líderes do hemisfério democraticamente eleitos e promover a consolidação da democracia e a expansão da oportunidade econômica e da prosperidade mediante mercados abertos e livre comércio". "Uma hipocrisia perversa", *segundo as organizações que preparam a III Cúpula dos Povos, que será realizada a partir de 1º de novembro em Mar del Plata.* "Um país que invade outros usando mentiras como pretexto, que assassina e tortura a olhos vistos, não pode ensinar democracia a ninguém", *afirmam os organizadores.*

ATOS NOS ESTADOS

Bush estará no Brasil depois de sair da Cúpula das Américas e passará algumas horas em Brasília, no dia 5 de novembro. A Conlutas, a Secretaria Nacional e o Comitê São Paulo da Campanha contra a Alca reuniram-se para tratar da organização de protestos contra a presença de Bush no Brasil. Segundo Zé Maria, da secretaria nacional da Conlutas, foi acertada na reunião a preparação de protestos unitários em todo o país contra a presença de Bush no Brasil. A idéia é fazer atos não só por onde ele passar, mas também em todas as capitais, sejam em frente aos consulados ou em empresas que simbolizem a dominação imperialista. Inicialmente, esses atos estão indicados para o dia 5 de novembro, já que essa é a data definida internacionalmente como dia de protesto em toda a América Latina contra a Cúpula das Américas e os EUA.

10 razões para os trabalhadores e a juventude votarem NÃO

1 A verdadeira luta contra a violência é a luta contra o capitalismo, responsável pela desigualdade social, desemprego, discriminação, opressão e exploração e que empurra milhares de jovens e adultos para marginalidade.

2 O governo Lula e o Congresso Nacional são os grandes responsáveis pela violência, pois ao invés de acabar com o desemprego e a fome, aplicam a cartilha do FMI, que reproduz a miséria.

3 O Estado não pode ter o monopólio do armamento, porque ele é o maior promotor e impulsionador da violência. Com sua polícia, assassina diariamente dezenas de jovens, negros e pobres nas periferias.

4 O governo Bush é o grande impulsionador do desarmamento dos povos da América Latina, ao mesmo tempo em que aumenta a presença das bases militares dos EUA na região.

5 Temos o direito de nos insurgirmos contra as tiranias e regimes opressores de armas nas mãos. Ninguém pode garantir que não virão mais golpes ditatoriais.

6 Os bandidos não vão se desarmar. Quem quiser invadir a sua casa saberá que você está desarmado. Com a ilegalidade da venda de armas, haverá o aumento do tráfico de armas e da atuação do crime organizado. Nos países onde o desarmamento foi imposto, como na Jamaica, a violência aumentou.

7 Continuarão armados: as Forças Armadas, as polícias, os agentes da ABIN, as empresas de segurança privada e de transporte de valores constituídas, os bandidos e os traficantes. Só você estará desarmado.

8 A burguesia continuará armada, com seu Estado e com suas empresas de segurança privada, que garantem a segurança a bancos, grandes companhias e residências em condomínios fechados. Verdadeiras milícias privadas.

9 Os jagunços que fazem a proteção do latifúndio continuarão armados até os dentes, atacando sem-terras e indígenas. Eles não vão se desarmar se o Sim vencer o referendo.

10 O Estatuto do Desarmamento permite que deputados, senadores e juízes continuem andando armados. Mas eles mesmos querem que você seja desarmado, porque "as armas são ruins".

CONTRA O SIM DA ESQUERDA PARLAMENTAR, PELO NÃO DA ESQUERDA DE LUTA

AMÉRICO GOMES, da Direção Nacional do PSTU

Várias organizações que se reivindicam de esquerda resolveram defender o voto no Sim. Partidos como o PT e o PCdoB, que tiveram seus dirigentes presos e mortos pelo Estado burguês, mas que agora estão no governo, defendem o Sim. A maioria dos parlamentares do P-SOL também entrou nessa onda, assim como a direção do MST.

Emir Sader, em recente artigo, diz que a reforma agrária é *"uma conquista fundamental para o Brasil"* e *"requer o desarmamento, e não o armamento dos conflitos"*. Ataca o **PSTU** porque nós dissemos que foi o povo armado na Venezuela que enfrentou o golpe militar que derrubou Chávez. Para ele, *"as Forças Armadas venezuelanas garantem os direitos conquistados pelo povo daquele país"*. Segundo Sader, *"A esquerda é republicana, é pela resolução pacífica e justa dos conflitos – individuais e coletivos –, é pela extensão do Estado de direito"*.

Essa é a esquerda parlamentar, que acredita que a reforma agrária virá pelo Estado de direito, pelo Congresso, com o apoio das Forças Armadas e da polícia. A verdade é que não existe reforma agrária no Brasil exatamente por causa do "Estado de direito". Foram as ocupações de terras, com mais de 8.529 conflitos nos últimos dez anos, que garantiram as poucas conquistas da reforma agrária, e não o governo Lula ou o Congresso. Na Venezuela, foi o povo de armas na mão montando as barricadas em Caracas que fez as Forças Armadas saírem do muro e se levantarem contra o golpe, pois, no primeiro momento, os militares prenderam Chávez, a mando da embaixada dos EUA.

Salvador Allende desarmou, por exigência do alto comando militar, os cordões industriais de operários, nos meses que antecederam o golpe em 1973. Com isso, o exército chileno derrotou a maioria da população e os trabalhadores morreram resistindo praticamente sem armas. A esquerda parlamentar esquece que, em 1964, no Brasil, houve um golpe dado pelos militares e ninguém poderá garantir que novos golpes são inevitáveis.

Não existe o "sim de esquerda". Existem setores que tentam disfarçar sua aliança com o governo e o Congresso usando argumentos "de esquerda". Segundo eles, quem está com o Não estaria com a direita. Seria muito interessante então que eles justificassem o apoio majoritário do PSDB e da Rede Globo ao Sim. Aliás, a Globo está se preparando para montar uma empresa de segurança privada em parceria com a Glock (indústria de armas e segurança austríaca), no caso da vitória do Sim.

O simples "sim" ou um "não" em um referendo, por ser uma luta democrática, não delimita o perfil de classe. É o sentido geral da discussão que dá o caráter da resposta política. No recente plebiscito da União Européia na França, o voto Não causou uma profunda derrota ao imperialismo. Na sua defesa, além da esquerda, encontravam-se também setores de direita, em uma unidade de ação.

Temos que enxergar além da superficialidade, do debate sobre venda e compra de armas em loja. O que se discute é se o Estado deve manter o monopólio da armas, mesmo que se apresente como Estado de direito, ou se o povo tem o direito de se armar para defender seus direitos, inclusive o de se rebelar.

INDUSTRIA BÉLICA É PELO NÃO PARA GARANTIR MERCADO

A Frente Parlamentar pelo Não também não merece nenhuma confiança. Nela estão setores da burguesia e seus representantes, como Bolsonaro, militar de ultradireita, e Fleury, do massacre do Carandiru. Esses senhores e a indústria de armas não estão preocupados com a segurança do povo, a criminalidade ou a violência desenfreada. Querem manter os grandes lucros do setor, que seriam reduzidos com o Sim.

Essas empresas exportam em média de 70% a 95% da produção. O Brasil tem cinco grandes empresas de armas e munições: Forjas Taurus, Imbel, CBC, ER Amantino e Amadeo Rossi. A maior, a Taurus, faturou R$ 164,8 milhões em 2004. Para Antônio Alves, da Associação Nacional de Proprietários e Comerciantes de Armas, "a única classe que vai deixar de comprar armas é o cidadão civil. Servidores do Exército, Marinha e Aeronáutica e as guardas municipais vão continuar comprando".

A indústria de armamentos vive como os abutres. Por isso, temos de nacionalizar toda essa indústria e colocá-la sob o controle da classe trabalhadora.